

O QUE NOS CONTAM NOSSOS DELÍRIOS SOBRE A NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA? NOTAS SOBRE O CONTO “O DELÍRIO”, DE CLARICE LISPECTOR

Marcília Poncyana Félix Bezerraⁱ

RESUMO: O conto “O delírio”, de Clarice Lispector, de 1940, relata uma noite insone de um homem, sem nome, onde se apresenta o delírio por ele construído. A narrativa traz a passagem de apenas uma noite, vislumbrando toda uma conjuntura da história daquele homem, que por não apresentar nome na história, talvez tente dizer disso através das suas elaborações de delírio. Os elementos “escolhidos” são de grande importância para a complexidade do delírio, como a terra, a luz, assim como a febre e as dores que acometem o protagonista. O enredo se encerra quando o homem se dispõe a escrever sobre a noite e os elementos. A psicanálise, nesse trabalho à luz de Freud e Lacan, nos coloca a refletir sobre a construção de um delírio, compondo a história de cada sujeito e fazendo inferências na sua própria realidade, sustentando suas faltas.

Palavras-chave: Psicanálise. Delírio. Clarice Lispector.

WHAT OUR DELUSIONS TELL US ABOUT OUR OWN HISTORY? NOTES TOWARDS THE SHORT STORY “THE FEVER DREAM”, BY CLARICE LISPECTOR

ABSTRACT: The short story “The fever dream”, by Clarice Lispector, from 1940, tells of a sleepless night of a man, without a name, where is presented his delusion. The narrative brings the passage of just one night, glimpsing a whole conjuncture of that man’s history, who, since he does not have a name, may try to name something through his elaborations of delirium. The “chosen” elements are of great importance for the complexity of the delusion, such as the earth, the light, as well as the fever and pain that affect the protagonist. The plot ends when the man is willing to write about the night and the elements. Psychoanalysis, in the light of Freud and Lacan, puts us to reflect in this paper on the construction of a delusion, composing the history of each subject and making inferences in their own reality, supporting their shortcomings.

Keywords: Psychoanalysis. Delirium. Clarice Lispector.



Submetido em: 29 out. 2019

Aprovado em: 01 dez. 2019

e-ISSN 2595-7295



Licença Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL, UFPB).
E-mail: marcilliap@gmail.com

INTRODUÇÃO

Freud, ao estudar as psicoses, afirma que o delírio é uma tentativa de cura do sujeito, uma tentativa de organização da própria psique. Para Lacan, o delírio é da ordem do imaginário, uma vez que o sujeito psicótico não tem o registro do simbólico, não sendo possível, assim, a simbolização dos significantes: “O psicótico é um desenlace por excelência” (QUINET, 2009). Ainda segundo Lacan, para o sujeito psicótico, não foi possível simbolizar o significante para o Nome-do-Pai, que faria a amarração dos registros: real, simbólico e imaginário, o que permitiria que o sujeito simbolizasse.

Assim, sem a metáfora paterna, e sua simbolização, o sujeito psicótico utiliza do delírio para tentar constituir uma possível metáfora paterna, para tentar lidar com a não simbolização e a incidência no Real. No decorrer da vida, quando é exigido do sujeito psicótico que dê conta desse significante, que para ele não existe, fica clara a sua falta, sendo necessária alguma coisa para sustentar esse furo, em alguns casos, o delírio.

É o que é narrado no conto “O delírio”, de Clarice Lispector. Essa narrativa, de 1940, fez parte do livro póstumo *A bela e a fera*, de 1979, juntamente com outros cinco contos, e mais tarde, publicado na obra *Todos os contos* (2016), na seção Primeiras Histórias. Como protagonista da narrativa, temos um homem, sem nome, que vive em uma pensão e, aparentemente, está um pouco adoentado, não estando claro do que se trata sua enfermidade.

Os outros personagens que compõem a diegese são: Dona Marta, que se mostra como a proprietária da pensão, e uma afilhada moça, que também não se divulga o nome. Essas mulheres apresentam preocupações e cuidados com o moribundo, chamado por elas de Doutor. Nesse conto, é possível perceber como se dá a construção do delírio e como se implica na vida do sujeito essa possibilidade de subjetivação.

O enredo se passa em apenas uma noite, o que é suficiente para se perceber a tentativa de elaboração daquele sujeito, que às voltas com suas questões e esse possível adoecimento, entre alucinações, delírios e calafrios, tenta construir algo que lhe dê suporte, ao menos minimamente, para as suas angústias.

1 O DELÍRIO PARA PSICANÁLISE

Afastando-se da ideia de que o delírio seria apenas um mero sintoma da psicose, Freud, em seus estudos, reconhece a importância deste na constituição do sujeito psicótico, com os seus elementos e signos, sendo para ele, uma maneira de estabilização ou um caminho

para certa organização do sujeito. Lacan segue o estudo de Freud, revê novamente os seus casos e encontra novas formulações a respeito das psicoses.

Freud percebeu que o sujeito ama o delírio assim como ama a si mesmo. Logo, esse delírio pode sustentar o sujeito na vida, sendo uma espécie de amarração, como uma “solução psicótica” (CORREIA, 2010), dos três registros Real, Simbólico e Imaginário, estudados por Lacan.

Para falar de psicose, ou das psicoses, Lacan vai trabalhar com a ideia da existência de três tempos do Édipo, uma vez que considera que o inconsciente se estrutura como linguagem, se dando a partir da forma como o sujeito se coloca diante da travessia do Édipo e, assim, como a castração (ou complexo de castração) se incide sobre ele.

O campo da linguagem sulcado pela psicanálise trouxe novidades inclusive para a linguística, tais como: a inserção do sujeito da fala como sujeito do Inconsciente e do desejo, que circula pelos desfilamentos do significante; uma outra relação entre significado e significante onde este tem a primazia; o conceito de que nem tudo é linguagem na estrutura psíquica, pois a falta é imanente e o real inominável do gozo jamais será abolido. (QUINET, 2016, p. 244).

No primeiro tempo, a criança acredita ser o objeto de desejo da mãe, e está alienada à essa ideia. Não existe uma lei nesse tempo. Lacan (1999) diz que, “a criança fica particularmente isolada nela, desprovida de qualquer outra coisa que não o desejo desse Outro que ela já constituiu como sendo o Outro que pode estar presente ou ausente”. A criança é o próprio *falo*, literalmente, o objeto de desejo da mãe.

No segundo tempo surge a figura do pai, como a lei, o proibidor, que aparece através do discurso da mãe: Metáfora Paterna. O Nome-do-Pai, como é colocado por Lacan, corresponde ao que a mãe traz para a relação ente ela e o bebê.

O Nome-do-Pai é o pai enquanto função simbólica, é o pai simbólico, que vem metaforizar o lugar de ausência da mãe; é o significante que faz a mãe ser simbolizada. A função significante do Nome-do-Pai inscreve-se no Outro, que até então era para a criança ocupada inteiramente pela mãe. Se, no primeiro tempo lógico do Édipo o Outro é a mãe, o Nome-do-Pai é o que vem barrar o Outro onipotente e absoluto, inaugurando a entrada da criança na ordem simbólica. A criança não é mais submetida a um Outro onipotente que apresenta uma lei que não legaliza, uma lei de caprichos. É devido à intervenção do Nome-do-Pai no Outro que a lei é instalada para o sujeito no lugar do Outro. O Outro se constitui para o sujeito como lugar da Lei, o Outro do pacto da fala. (QUINET, 2011, p. 21).

No terceiro tempo acontece o declínio do Édipo; a criança sairá da posição de ser o falo para a promessa de tê-lo ou consegui-lo. Aqui também acontece a efetivação da figura do pai, os nomes-do-pai:

[...] o pai entra em jogo, [...] com aquele que tem [o falo]. Ele intervém nesse nível para dar o que está em causa na privação fálica, termo central da evolução do Édipo e de seus três tempos. Aparece, efetivamente, no ato de doação. Já não é nos vaivéns da mãe que ele está presente, e portanto, ainda semivelado, mas aparece em seu próprio discurso. (LACAN, 1958, p. 212).

A travessia do Édipo e a incidência da castração através da proibição colocada pela metáfora paterna, permitem ao sujeito a entrada no registro do simbólico, quando precisa criar símbolos para lidar com a falta. Saindo do lugar de objeto do desejo da mãe, a criança precisa dar conta desse enigma, através do significante do Nome-do-Pai.

O Édipo é resumido por Lacan na sua fórmula da metáfora paterna numa equação de substituição significante. [...] O Édipo é o preço que se paga para advir como sujeito da linguagem que é, portanto, condenado a lidar com a falta, com a castração simbólica e com o recalque, impedindo que a verdade do sujeito jamais possa ser dita por inteiro. (QUINET, 2011, p. 22-23).

Desta, o Nome-do-Pai seria o significante que amarraria ou sustentaria os três registros Imaginário, Simbólico e Real, segundo Lacan, “essenciais da realidade humana”. Na ausência desse significante, o *sinthoma* seria o quarto elemento, o que faz o nó (nó borromeano) desses registros e substituiria o significante do desejo da mãe.

Agora podemos nos aproximar das psicoses, pois é através da não incidência do Nome-do-Pai, ou melhor, da foraclusão¹ do Nome-do-Pai, que ocorre o fracasso na metáfora paterna, e o sujeito não passa pela castração simbólica. Sendo assim, o sujeito não consegue adentrar na linguagem e tampouco articular a cadeia de significantes para dar conta de sua falta. Para lidar com isso, o psicótico vai se valer de outros artifícios.

Quando há a foraclusão do Nome-do-Pai, o Sinthoma funcionaria como uma espécie de “suplência e de compensação [...] para impedir a loucura da desnodulação”. Quando essa

¹ *Foraclusão* é um neologismo que se utiliza em português para designar que não há inclusão, que o significante da lei está fora do circuito, sem deixar, no entanto, de existir, pois o que está foracluído do simbólico retorna no real. Foraclusão não é propriamente uma tradução do termo francês *forclusion* proposto por Lacan para equivaler ao termo freudiano *Verwerfung*. É antes uma interpretação. “*Forclusion* é um termo francês tomado de empréstimo ao vocabulário jurídico. Dizer que um processo jurídico está *forclus* é um processo acabado legalmente inexistente que equivale em termos jurídicos em português à prescrição que é toda exclusão de um direito ou de uma faculdade que não foi utilizada em tempo útil. A foraclusão, portanto, remete à noção da lei e da sua abolição. Na gramática francesa o termo *forclusion* é também utilizado como uma das formas de negar que o locutor não considera como fazendo parte da realidade, ou seja, algo que desconsidera completamente.” (QUINET, 2011, p. 24).

função fracassa, diante de algum acontecimento, ocorrendo o desencadeamento de uma psicose com delírio. (JULIEN, 2003).

A construção do delírio para o sujeito psicótico se dá nessa dimensão, funciona como uma possível “bengala” imaginária para dar suporte. Como não existe o Significante do Nome-do-Pai, que dá a possibilidade de deslizamento da cadeia de significantes, o sujeito fica preso ao desejo da mãe e, sem o registro do simbólico, não consegue também simbolizar essa questão ou qualquer outra.

Dando prosseguimento ao seu estudo, Lacan, no que ficou conhecido como segunda clínica, sendo um novo momento da sua produção teórica, começa e pensar sobre como o sujeito se depara com a forclusão e em como esse sujeito encontraria uma solução para tal.

Lacan elaborou uma nova forma de compreender a organização do falasser que não fosse ancorada pela norma fálica da metáfora paterna. Assim, não poderíamos tratar o funcionamento neurótico como sendo o ideal de normalidade que estruturaria a sociedade nos moldes do Nome-do-Pai, e sim, pensar nos nomes do pai como maneiras de organização da realidade, que destituiriam da disfunção e da negação os arranjos que não se dariam conforme esse molde. (FRANÇA, 2011, p. 4).

Como não consegue simbolizar, as palavras são tomadas como coisas, ocorrendo um investimento das palavras como uma tentativa de preencher essa falta da inscrição no Nome-do-Pai. O sujeito é habitado pela linguagem. (QUINET, 2009). Daí a importância dos elementos do delírio, pois diz muito do sujeito e possibilita certa organização. Lacan ressalta a importância da palavra, na escuta, pelo analista, do delírio do sujeito:

É a linguagem, de sabor particular e frequentemente extraordinário, do delirante. É a linguagem, onde certas palavras ganham um destaque especial, uma densidade que se manifesta algumas vezes na própria forma do significante. [...] A intuição delirante é um fenômeno pleno que tem para o sujeito um caráter submergente, inundante. [...] Ali, a palavra – com sua ênfase plena como dizem a palavra do enigma – é a alma da situação. (LACAN, 1988, p. 44).

Assim, através do delírio, que o sujeito psicótico recorre à palavra, mesmo que essa tenha sentido literal para ele, pois é na construção delirante que se tem a oportunidade de vincular significações, embora que inventadas, mas que façam sentido para o sujeito, quando se é pedido, por alguma situação, que ele dê conta desse nome que não simbolizado. Lacan (apud MILLER, 2005) sugere que, quando algo da realidade chama esse significante que falta, o qual deveria ser mobilizado, fica evidenciado que ele falta e começa a catástrofe, desfaz-se o imaginário.

2 “O DELÍRIO”, O CONTO DE CLARICE LISPECTOR

No conto “O delírio”, de Clarice Lispector, é narrada a situação de um personagem durante uma noite insone, acometido de alguma doença, que não está clara na narrativa, o homem passa por uma noite de febre alta com o aparecimento de um sonho ou delírio. Esse fato dá ao personagem uma nova possibilidade de escrita, que parece ser algo fundamental para sua vida.

O personagem, o homem sem nome, está hospedado em uma espécie de pensão, cuja proprietária, Dona Marta, a única personagem com nome na narrativa, presta cuidados juntamente com sua afilhada, uma moça morena, que fica em sua companhia na madrugada e escuta o seu delírio.

O delírio traz um conteúdo que é significativo para o sujeito e nem sempre esse material pode ser explicado. Como já foi apontado, os elementos que emergem no delírio são importantes para a história do sujeito, na tentativa de um reestabelecimento de uma ordem. O que se escuta do delírio tem a ver com a realidade psíquica do sujeito, com a articulação do significante no discurso, e não com o signo em si. (GUERRA, 2010).

Quinet (2011) diz que no delírio o conteúdo não é cifrado, e sim desvelado, figurado pelos personagens que constroem o delírio. Então, não fica claro o seu endereçamento o que possivelmente poderia permitir sua constituição enquanto mensagem. No delírio, ainda segundo Quinet, é encontrada uma verdade que não está escondida, ou tentando esconder algo, pelo contrário, existe uma construção muito bem elaborada e quase teorizada pelo sujeito que o desenvolve.

Essa elaboração executada no conto em questão, nos permite visualizar a complexidade desse processo, confundindo para o leitor a realidade do próprio personagem com os pontos do delírio dele.

Afasta-se com desgosto. Volta para dentro, olha a cama desfeita, tão familiar após a noite insone... A virgem-Mãe agora se destaca, nítida e dominadora, sob a luz do dia. Com as sombras, ela também um vulto, é mais fácil descrever. Vai andando devagar, arrastando as pernas moles, levanta os lençóis, bate no travesseiro e mete-se lá dentro, com um suspiro. Torna-se tão humilde diante da rua viva e do sol indiferente... Na sua cama, no seu quarto, os olhos fechados, ele é rei.

Encolhe-se profundamente, como se lá fora chovesse, chovesse, e aqui uns braços silenciosos e mornos atraíssem-no e o transformassem num menino pequeno, pequeno e morto. Morto. Ah, é o delírio... É o delírio. Uma luz muito doce se espalha sobre a terra como um perfume. A lua dilui-se lentamente e um sol-menino espreguiça os braços translúcidos... Frescos

murmúrios de águas puras que se abandonam aos declives. Um par de asas dança na atmosfera rosada. Silêncio, meus amigos. O dia vai nascer. Um queixume longínquo vem subindo do corpo da Terra... Há um pássaro que foge, como sempre. E ela, arquejante, rompe-se de súbito com estrondo, numa ferida larga... Larga como o Oceano Atlântico e não como um rio louco! Vomita bordões de barro a cada grito. Então o sol se apruma o tronco e surge inteiro, poderoso, sangrento. Silêncio, amigos. Meus grandes e nobres amigos, ides assistir a uma luta milenar. Silêncio. S-s-s-s... (LISPECTOR, 2016, p. 69-70).

No conto em análise, alguns elementos chamam atenção, como por exemplo: o sol esperado com o dia que vai nascer, “respinga um morno brilho” (LISPECTOR, 2016, p. 71); a terra, “murcha, em dobras e rugas de carne morta”, envelhecendo rapidamente; a luz, que existia dentro da terra; os filhos da terra, “seres criados sentiam-se tão superiores, tão livres que imaginaram poder passar sem ela [a terra]” (LISPECTOR, 2016, p. 72). Parece estar acontecendo uma espécie de conflito com a terra, que após dar à luz a esses seres, murcha, quase morre, mas depois de certa forma vence, ao se vingar.

Da terra, rasgada e negra, surgem um a um, leves como o sopro de uma criança adormecida, pequenos seres de luz pura, mal pousando no solo os pés transparentes... Cores lilases flutuam no espaço como borboletas. Delgadas flautas erguem-se para o céu melodias frágeis rebentam no ar como bolhas. As róseas formas continuam a brotar da terra fedida. [...] De repente, novo rugido. A terra está tendo filho? As formas dissolvem-se no ar, assustadas. Corolas murcha e as cores escurecem. E a terra, os braços contraídos de dor, abrem-se em novas fendas negras. Um forte cheio de barro machucado arrasta-se em densa fumaça. (LISPECTOR, 2016, p. 70).

Na leitura desse conto, podemos encontrar muitos aspectos semelhantes ao caso de Schreber, caso estudado por Freud para falar das psicoses e retomado por Lacan. Elementos como a morte premente, a questão de uma figura feminina (Terra-Mãe) e ainda com algo sagrado ou divino, traz para o conto essa similaridade, embora não se tenha informações sobre a história do personagem do conto. Ao falar de Schreber, Freud pensa que o delírio é como uma peça que se cola aí onde houve uma falha na relação do sujeito com a o mundo da realidade, mundo que é para o homem estruturado pelo simbólico. (QUINET, 2011).

Sem informações sobre a vida do personagem do conto, nos debruçamos sobre o que é dito na narrativa e encontramos a relação do delírio construído por ele com a escrita que parece mobilizar seus desejos. Nessa perspectiva o processo de escrita seria de fundamental importância para o personagem, sendo abordado no delírio uma possível falta de inspiração que o levaria a esse sentimento de morte.

A escrita para o personagem era algo que o faria voltar a vida. De alguma maneira o preenchia ou o mobilizava. Justamente por não conseguir escrever, o homem adoecera, febril, delirava e encontrava naquela ideia que lhe viera a noite, novas palavras para serem escritas. Era necessário, vital. Quando pede que lhe tragam caderno e lápis, a moça tenta intervir, preocupada com sua saúde, mas ele tenta explicar:

Ele para, de súbito pensativo. E principalmente se ela soubesse o esforço que lhe custava escrever.... Quando começava, todas as suas fibras eriçavam-se, irritadas e magnificas. E enquanto não sentia que elas eram o seu prolongamento, não cessava, esgotando-se até o fim... “A terra, os braços contraídos de dor...” Sim, sua cabeça já estava dolorida, pesada. Mas poderia conter sua luz, para poupar-se? (LISPECTOR, 2016, p. 77).

Guerra (2010), ao estudar o delírio em Lacan, aponta que a escrita é uma tentativa em que o sujeito pode se escrever para o Outro, uma vez que não há simbolização.

Ao final de seu ensino, Lacan reinterpreta a função do delírio e verifica que, nele, o que conta é a escrita do sujeito, é a fundação de um referente em torno do qual o sujeito pode se escrever para o Outro. Assim, ele trata da escrita da letra com a ajuda da letra até que ela possa abolir o símbolo, e assim realmente elevá-lo a uma nova potência. É isso que tornará sua coexistência compatível com a ausência de suporte, não de um discurso estabelecido, mas de nenhum Nome-do-Pai estabelecido. (GUERRA, 2010, p. 60).

A escrita, como arte, seria uma invenção do sujeito para conseguir suportar a realidade. Como o processo de simbolização é precário, nas psicoses, a palavra que é tomada como a própria coisa, toma dimensões no próprio corpo do sujeito, uma vez ele está como lugar de gozo para o psicótico. O sujeito é marcado pela palavra no próprio corpo.

Através do delírio, o homem pode voltar a escrever. Escrevendo, ele também se inscreve em algum lugar. Poderíamos pensar que a terra seria a inspiração ou o próprio homem, os raios e a luz também poderiam ser a sua inspiração, uma vez que no diálogo com a moça, ao acordar o delírio ainda sonolento o homem diz:

— Este é um momento? Pergunta em voz bem alta. Não, já não é mais. E este? Já agora também não. Só se tem o momento que vem. O presente já é passado. Estire os cadáveres dos momentos mortos em cima da cama. Cubra-se com um lençol alvo, ponha-os num caixão de menino. Eles morreram crianças ainda, sem pecado. Eu quero momentos adultos!... Moça, aproxime-se, eu quero lhe confiar um segredo: moça, que é que eu faço? Me ajude, que minha terra está murchando... Depois o que vai ser de minha luz? (LISPECTOR, 2016, p. 73).

O homem, é consumido pelas próprias palavras. Murcha e quase morre. Mas também é através das palavras que continua existindo. É através da palavra que renasce e vence a batalha contra morte. Escreve para não sucumbir a vingança da Terra. Escreve para dar nome e sentido à sua existência.

Desesperada ao ver o homem sucumbir em febre e em delírio, a moça, que já não sabia o que fazer, tenta acalmá-lo com um beijo, o que, quase que subitamente, acalma o homem e vai abrandando os sintomas que o mesmo apresentava: “Agora seus olhos já não queimas. Agora suas têmporas deixam de latejar porque duas borboletas úmidas pairam sobre elas. Voam em seguida” (LISPECTOR, 2016, p. 73).

O homem, cansado e delirante, abatido pelo bloqueio na escrita, encontra no delírio a possibilidade de ressurgir. Causando certo espanto pelas mulheres que cuidavam dele e temiam pela sua doença, o homem sente a necessidade de voltar a escrever e faz uso do seu delírio como inspiração para tal.

A escrita, no conto, aparece como questão de vida ou morte para aquele sujeito. É necessário que se escreva, mesmo que a ameaça de morte esteja presente. É a única alternativa. É o preço que se paga para viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As psicoses saíram de um lugar de adoecimento para ganhar novos ares e novas formulações. Encontramos maneiras de simbolizar de acordo com nossas possibilidades e implicações. É disso que se trata esse trabalho. O estudo da obra literária através da ótica da psicanálise não está para um diagnóstico e sim para alimentar nossas reflexões e questionamentos.

Quando a criação se situa fora do âmbito do Nome-do-Pai, ou seja, na estrutura clínica da psicose, temos o conceito de sintoma. (QUINET, 2011). A arte, poderia funcionar como essa suplência para o sujeito. Muitos são os exemplos encontrados: pintores, escritores, músicos, artistas plásticos que fizeram da sua produção artística além do produto do seu inconsciente, *sinthoma*, para manejar sua própria existência enquanto sujeitos.

Seria no lugar de Eros, polo da pulsão de vida que o sujeito encontraria ferramentas de produção para inventar uma bengala que pudesse lhe dar algum apoio. Não seria de fato uma amarração, com se daria na simbolização do significante do Nome-do-Pai, o que daria uma certa estabilização do sujeito, sendo, então, uma suplência.

Assim, no conto “O delírio”, o homem constrói a sua própria maneira de tamponamento desse furo, que perpassa sua existência psíquica. A escrita, nada mais é que uma possibilidade dada, através de um delírio persecutório (é preciso escrever para viver, ou a terra poderá se vingar), mas que também funciona como estabilizador do seu caos.

REFERÊNCIAS

- CORREIA, Thais Morais. Casos raros: as psicoses ordinárias na clínica do delírio generalizado. *Opção lacaniana online nova série*, ano 1, n. 3, nov. 2010.
- FRANÇA, Wilker. Controlando a minha maluquez misturada com minha lucidez: experiência de um praticante de psicanálise. *Opção lacaniana online nova série*, ano 2, n. 5, jul. 2011.
- GUERRA, Andréa Máris Campos. *A psicose*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- JULIEN, Philippe. *Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LISPECTOR, Clarice. O delírio. In: LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 69-77.
- MILLER, Jacques-Alain. A invenção do delírio. *Opção lacaniana online*, n. 5. 2009.
- QUINET, Antônio. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- QUINET, Antônio. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- QUINET, Antônio. Lalingua e sinthoma. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 38. 2016.